

# Contos africanos

dos países de língua portuguesa

*Albertino Bragança • Boaventura Cardoso  
José Eduardo Agualusa • Luandino Vieira  
Luís Bernardo Honwana • Mia Couto • Nelson Saúte  
Odete Costa Semedo • Ondjaki • Teixeira de Sousa*

*Seleção e organização de textos*  
Rita Chaves

*Ilustrações*  
Apo Fousek

*As grafias dos contos originais foram preservadas na medida em que respetem  
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2008.*

# O dia em que explodiu Mabata-bata

Mia Couto

De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um mútú. No campim em volta choveram pedaços e fatias, grãos e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento.

O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifreria, e estava destinado como prenda de lobolo<sup>1</sup> do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo<sup>2</sup> das primeiras horas.

<sup>1</sup> Dado que o noivo paga aos familiares da noiva para casar-se com ela. Esse valor leva em conta que, a partir do casamento, a mulher entregará sua força de trabalho a outro grupo familiar. A cerimónia em que se faz a oferta também é chamada de lobolo. (N.E.)

<sup>2</sup> Unidade semelhante ao ovalho. Também se chama de cacimbo o período do ano em que a temperatura cai e a atmosfera fica mais úmida, o inverno. (N.E.)

Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada. “*Deve ser foi um relâmpago*”, pensou.

Mas relâmpago não podia. O céu estava liso, azul sem mancha. De onde saía o raio? Ou foi a terra que relampejou?

Interrogou o horizonte, por cima das árvores. Talvez o ndlati, a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntam os todos rios para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só destapa quando as nuvens rugem na rouquidão do céu. É então que o ndlati sobe aos céus, enlouquecido. Nas alturas se veste de chamas, e lança o seu voo incendiado sobre os seres da terra. Às vezes atira-se no chão, buracando-o. Fica na cova e aí deita a sua urina.

Uma vez foi preciso chamar as ciências do velho feiticeiro para escavar aquele ninho e retirar os ácidos depósitos. Talvez o Mabata-bata pisara uma réstia maligna do ndlati. Mas quem podia acreditar? O tio, não. Havia de querer ver o boi falecido, ao menos ser apresentado uma prova do desastre. Já conhecia bois relampejados: ficavam corpos queimados, cinzas arrumadas a lembrar o corpo. O fogo mastiga, não engole de uma só vez, conforme sucedeu-se.

Reparou em volta: os outros bois, assustados, espalharam-se pelo mato. O medo escorregou dos olhos do pequeno pastor.

— *Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres.*

A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar todo. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombra mas não encontravam saída. Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus-tratos, atrás dos bois. Os filhos

dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O ser-  
viço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro  
dele já não havia resto de infância. Brincar era só com os animais:  
nadar o rio na bolcica do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas  
dos mais fortes. Em casa, o tio adivinhava-lhe o futuro:

— *Este, da maneira que vive misturado com a criação há-de ca-  
sar com uma vaca.*

É, todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos  
seus sonhos maltratados. Por isso, olhou sem pena para o campo que  
ia deixar. Calculou o dentro do seu saco: uma físga<sup>3</sup>, frutos do djam-  
balau<sup>4</sup>, um canivete enferrujado. Tão pouco não pode deixar sauda-  
de. Partiu na direção do rio. Sentia que não fugia: estava apenas a co-  
meçar o seu caminho. Quando chegou ao rio, atravessou a fronteira  
da água. Na outra margem patou à espera nem sabia de quê.

Ao fim da tarde a avó Carolina esperava Raul à porta de casa.  
Quando chegou ela disparou a aflição:

— *Essas horas e o Azarias ainda não chegou com os bois.*  
— *O quê? Esse malandro vai apanhar muito bem, quando chegar.*  
— *Não é que aconteceu uma coisa, Raul? Tenho medo, esses  
bandidos...*  
— *Aconteceu brincadeiras dele, mais nada.*

Sentaram na esteira e jantaram. Falaram das coisas do lobolo,  
preparação do casamento. De repente, alguém bateu à porta. Raul  
levantou-se interrogando os olhos da avó Carolina. Abriu a porta:  
eram os soldados, três.

— *Boa noite, precisam alguma coisa?*  
— *Boa noite. Vimos comunicar o acontecimento: rebeitou uma*

<sup>3</sup> Boloque, estilingue. (N.E.)

<sup>4</sup> Fruto de cor escura, muito utilizado para fazer uma espécie de vinho. No Brasil é conhecido  
como juncelão. (N.E.)

*mina esta tarde. Foi um boi que pisou. Agora, esse boi pertencia daqui.*  
Outro soldado acrescentou:

— *Queremos saber onde está o pastor dele.*  
— *O pastor estamos à espera* — respondeu Raul. E vociferou:  
— *Malditos bandos!*  
— *Quando chegar queremos falar com ele, saber como foi su-  
cedido. É bom ninguém sair na parte da montanha. Os bandidos  
andaram espalhar minas nesse lado.*

Despediram. Raul ficou, rodando à volta das suas perguntas.  
Esse sacana do Azarias onde foi? E os outros bois andariam espa-  
lhados por aí?

— *Avó: eu não posso ficar assim. Tenho que ir ver onde está esse  
malandro. Deve ser talvez deixou a manada fugentar-se. É preciso  
juntar os bois enquanto é cedo.*

— *Não podes, Raul. Olha os soldados o que disseram. É perigoso.*  
Mas ele desouviu e meteu-se pela noite. Mato tem subúrbio? Tem:  
é onde o Azarias conduzia os animais. Raul, rasgando-se nas micaias<sup>5</sup>,  
aceitou a ciência do miúdo<sup>6</sup>. Ninguém competia com ele na sabedoria  
da terra. Calculou que o pequeno pastor escolhera refugiar-se no vale.

Chegou ao rio e subiu às grandes pedras. A voz superior, ordenou:  
— *Azarias, volta. Azarias!*

Só o rio respondia, desenterrando a sua voz corredeira. Nada em  
toda à volta. Mas ele adivinhava a presença oculta do sobrinho.

— *Apareça lá, não tenhas medo. Não vou-te bater, juro.*

Jurava mentiras. Não ia bater: ia matar-lhe de porrada, quando  
acabasse de juntar os bois. No enquanto escolheu sentar, estátua  
de escuro. Os olhos, habituados à penumbra, desembarcaram na  
outra margem. De repente, escutou passos no mato. Ficou alerta.

<sup>5</sup> Árvore nativa da África tropical, coberta de ramos espinhosos. (N.E.)

<sup>6</sup> Criança, menino. (N.E.)

— Azarias?

— Não era. Chegou-lhe a voz de Carolina.

— Sou eu, Raul.

Maldita velha, que vinha ali fazer? Trapalhar só. Ainda pisava na minha, rebentava-se e, pior, estourava com ele também.

— *Volta em casa, avó!*

— *O Azarias vai negar de ouvir quando chamares. A mim, há-de ouvir.*

É aplicou sua confiança, chamando o pastor. Por trás das sombras, uma silhueta deu aparecimento.

— *És tu, Azarias. Volta comigo, vamos para casa.*

— *Não quero, vou fugir.*

O Raul foi descendo, gatinhoso, pronto para saltar e agarrar as goelas do sobrinho.

— *Vais fugir para onde, meu filho?*

— *Não tenho onde, avó.*

— *Esse gajo<sup>7</sup> vai voltar nem que eu lhe chamboqueie<sup>8</sup> até partir-se dos bocados* — precipitou-se a voz rasteira de Raul.

— *Cala-te, Raul. Na tua vida nem sabes da miséria.* — E voltando-se para o pastor: — *Anda meu filho, só vens comigo. Não tens culpa do boi que morreu. Anda ajudar o teu tio juntar os animais.*

— *Não é preciso. Os bois estão aqui, perto comigo.*

Raul ergueu-se, desconfiado. O coração batucava-lhe o peito.

— *Como é? Os bois estão aí?*

— *Sim, estão.*

Enroscou-se o silêncio. O tio não estava certo da verdade do Azarias.

<sup>7</sup> Pessoa cujo nome não se sabe ou se quer omitir; indivíduo de reputação ruim. (N.E.)

<sup>8</sup> Chamboquear, usar o "chamboço", isto é, um pedaço de madeira parecido com uma matrica, para dar uma surra. (N.E.)



— *Sobrinho: fizeste mesmo? Juntaste os bois?*

A avó sorria pensando no fim das brigas daqueles os dois. Prometeu um prémio e pediu ao miúdo que escolhesse.

— *O teu tio está muito satisfeito. Escolhe. Há-de respeitar o teu pedido.*

Raul achou melhor concordar com tudo, naquele momento. Depois, emendaria as ilusões do rapaz e voltariam as obrigações do serviço das pastagens.

— *Fala lá o seu pedido.*

— *Tio: próximo ano posso ir na escola?*

Já adivinhava. Nem pensar. Autorizar a escola era ficar sem guia para os bois. Mas o momento pedia fingimento e ele falou de costas para o pensamento:

— *Váis, váis.*

— *É verdade, tio?*

— *Quantas bocas tenho, afinal?*

— *Posso continuar ajudar nos bois. A escola só frequentamos da parte de tarde.*

— *Está certo. Mas tudo isso falamos depois. Anda lá daqui.*

O pequeno pastor saiu da sombra e correu o areal onde o rio dava passagem. De súbito, deflagrou um clarão, parecia o meio-dia da noite. O pequeno pastor engoliu aquele todo vermelho, era o grito do fogo estourando. Nas migalhas da noite viu descer o ndlati, a ave do relâmpago. Quis gritar:

— *Vens pousar quem, ndlati?*

Mas nada não falou. Não era o rio que afundava suas palavras: era um fruto vazando de ouvidos, dores e cores. Em volta tudo fechava, mesmo o rio suicidava sua água, o mundo embrulhava o chão nos fumos brancos.

— *Vens pousar a avó, coitada, tão boa? Ou preferes no tio, afinal das contas, arrependido e prometente como o pai verdadeiro que morreu-me?*

E antes que a ave do fogo se decidisse Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama.



**Mia Couto** nasceu em 1955, em Beira, Moçambique. António Emílio Leite Couto ganhou o apelido “Mia” do irmão mais novo. Adotou-o por adorar gatos – quando criança, ele acreditava ser um deles. Antes de ser escritor, Mia Couto cursou medicina e jornalismo, formando-se em biologia. Participou ativamente do processo de independência de Moçambique e foi um dos compositores do hino nacional de seu país. Tem livros publicados no Brasil e em diversos países, dentre os quais figuram os romances *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, *O último voo do flamingo*, *Terra sonâmbula* e o livro de contos *O fio das missangas*.